

PARENTALIDADE POSITIVA E EMPREENDEDORA

Maria Cristina Campos de Sousa Faria, Instituto Politécnico de Beja, mcfaria@ipbeja.pt

Resumo: Os pais e as mães constituem modelos determinantes para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A sua personalidade, motivação, estilo de vida e a forma como pensam, sentem, se expressam e actuam diante das situações da vida são factores orientadores do comportamento, temperamento e inteligência dos seus filhos. Será de esperar que pais inteligentes, positivos, inovadores, resilientes e proactivos, detentores de um potencial empreendedor, possam proporcionar aos seus filhos uma vivência de ambientes favoráveis ao desenvolvimento de uma inteligência empreendedora, e uma orientação positiva de vida, mostrando-lhes o caminho para ultrapassar obstáculos (resiliência e pro-actividade) e tornar os seus sonhos em realidade (optimismo e esperança).

Na abordagem do empreendedorismo e do sucesso podemos encontrar variáveis psicológicas como, a necessidade de realização, assertividade, auto-confiança, autocontrole, a elevada tolerância para a ambiguidade e novidade, um pensamento divergente e positivo, uma necessidade de autonomia e independência. Por conseguinte, Como fazer e o que fazer para promover nos pais e mães uma parentalidade positiva e empreendedora? A partir da perspectiva da Psicologia Positiva e Empreendedorial e dos estudos sobre Parentalidade e Envolvimento Parental, o presente trabalho apresenta uma reflexão sobre os saberes e as práticas que permitem o desenvolvimento de competências positivas e empreendedoras do pai e das mãe de modo a que estes possam participar positivamente no desenvolvimento da mente e do potencial empreendedor do(a) seu/sua filho(a).

Palavras chave: Criança; Competências Empreendedoras; Parentalidade Positiva; Parentalidade Empreendedora

Introdução

Nos últimos tempos, os cidadãos contemporâneos de todas as idades têm sido postos à prova, não só no domínio económico, mas também, no domínio pessoal e social. São testadas as suas capacidades e competências para fazerem face às diversas adversidades, que surgem de forma contínua e inesperada. É claro que as novas gerações estão atentas à forma como os mais velhos solucionam os problemas e perspetivam caminhos de prosperidade e felicidade. Estarão os mais velhos atentos à promoção da qualidade de vida dos mais jovens? Serão bons modelos para se aprender a ultrapassar dificuldades e atingir o êxito? São questões pertinentes que têm a sua resposta na definição do tipo de metas que queremos alcançar na nossa vida e o que fazemos para as atingir. E ainda, do tipo de expectativas de futuro que temos para as gerações mais jovens e o que fazemos, ensinamos ou proporcionamos para que estas possam agarrar as boas oportunidades que a vida lhes dá e alcançarem a felicidade.

Se a realidade não se constitui como algo alheio à vontade do indivíduo, os humanos podem contribuir, através de uma auto-orientação da sua conduta, na determinação de acontecimentos que conduzem à felicidade. Ora a condução positiva e responsável da conduta humana é um processo que se aprende a organizar na infância e se desenvolve ao longo do ciclo de vida. Na sua base podemos encontrar a qualidade das vivências e das relações interpessoais estabelecidas, em particular na família, bem como, as competências para pensar, sentir e escolher o seu sentido/plano de vida, optando por acontecimentos/experiências positivas, promotores de saúde e de bem-estar. Sem ignorar a variabilidade de ambientes (físicos, sociais, culturais, tecnológicos, virtuais) em que as crianças de hoje se movimentam, focalizemos a nossa atenção na orientação que é dada à sua *inteligência*, à sua *performance*, ao *desenvolvimento das suas competências* e à qualidade das *relações interpessoais* disponibilizada à criança, desde os seus primeiros anos de vida, de forma que esta seja capaz de proteger a sua saúde, ser alegre e criativa, tomar iniciativa, ser empreendedora e promover a sua felicidade; isto é, *saber viver com harmonia, prazer e sentido*. É aqui que o pai e a mãe, e, os dois em conjunto, têm um papel principal, na medida em que têm de estar preparados para serem bons modelos e saberem participar de forma pro-activa, resiliente e consciente no desenvolvimento harmonioso de uma criança, que é também seu filho ou sua filha. Por conseguinte, falar de “parentalidade positiva” e de “empreendedorismo parental” não é só pensar em conceitos novos. É também, a oportunidade de consciencializar a mãe e o pai, e os dois em conjunto, sobre as implicações que a sua forma de pensar, ser, sentir, relacionar e agir têm no desenvolvimento da criança. Os pais precisam de se actualizarem no exercício da sua parentalidade, de prestar atenção e compreender que o seu comportamento parental é determinante para a vida do(a) seu(a) filho(a); pelo que, a adopção de princípios educativos positivos e empreendedores podem fazer toda a diferença no desenvolvimento das competências da criança para saber agarrar as oportunidades que a vida lhe proporciona, para

alcançar êxito e ser feliz ao longo da vida. De seguida, apresentamos perspectivas que podem contribuir para apoiar os pais na organização de uma parentalidade positiva e empreendedora, que proporcione o desenvolvimento da inteligência empreendedora da criança.

Desenvolvimento dum Personalidade Empreendedora e Feliz

A felicidade é frequentemente definida como um estado psicológico de bem-estar ou contentamento, sentimento de prazer e alegria, favorecidos pelas circunstâncias ou pela sorte (Faria, 2008). A felicidade é uma experiência subjectiva e individual, que depende não só da definição pessoal do conceito mas, também, das preferências individuais, emoções, atitudes e aptidões isto é, da capacidade que o indivíduo tem para saber lidar com as situações do seu dia a dia, sejam elas boas ou más, de modo a criar o seu comportamento, no sentido que melhor se ajuste ao seu novo plano de vida (actualização do plano de vida)(Davidhizar e Vance,1994; Musschenga,1997; cit.Faria, 2000). A investigação científica mostra que a felicidade está mais próxima da aquisição de uma competência, do que dos genes que possuímos; e que a vivencia da felicidade altera sistematicamente o modo como percebemos o mundo (Martin,2006).O humor positivo produz pensamentos positivos, aperfeiçoa a recordação de acontecimentos positivos, melhora a criatividade e a resolução de problemas, aumenta o comportamento de ajuda e o vínculo aos outros. Considerando que, um bom humor parece proporcionar avaliações positivas sobre os outros os relacionamentos sociais destacam-se como uma fonte de felicidade, de bem-estar, de saúde e de alívio da depressão. Ora as primeiras interacções e os primeiros relacionamentos encontram-se na família.

O facto de que a felicidade contribui para o sucesso é uma realidade observável desde a infância e diversos estudos já o confirmaram. Efectivamente, as crianças mais felizes têm melhor desempenho escolar do que as crianças mais infelizes, sentem-se bem consigo

mesmas demonstrando maiores capacidades para a leitura, ortografia e matemática, e são avaliadas pelos professores como sendo mais populares, mais cooperantes e mais persistentes na sala de aula, enquanto que as outras enveredam por comportamentos de risco (Martin, 2006). Por conseguinte, as pessoas felizes apresentam uma personalidade caracterizada por um temperamento sustentado em emoções positivas como alegria, boa disposição, extroversão e têm aptidões para lidar de uma forma adequada com as preocupações ou problemas que surgem no seu quotidiano (Davidhizar & Vance, 1994).

O principio psicológico da adição das emoções proposto por Staats, Hekmat e Staats (1996, cit. Carrillo, Collado, Rojo & Staats, 2006) refere que quando o individuo experimenta multiplas fontes de estimulação emocional, as emoções são somadas. A sua conduta psicológica é dada em função do somatório das forças. Se as emoções são negativas o resultado será um somatório, que é mais intenso que uma resposta emocional negativa individualizada. O mesmo acontece com as emoções positivas. Se uma fonte de emoção é positiva e a outra negativa, o resultado final é dado pela emoção que se experimenta como mais força. Remetendo este principio para o dominio da personalidade, a gestão das emoções surge como uma competencia importante para o bem-estar do individuo e para a organização do seu comportamento. Se pudermos gerir o somatório das emoções, a sua intensidade final não desorganiza o comportamento nem desestrutura a personalidade, e assim, o individuo tem mais possibilidade de ter sucesso e ser feliz.

Os adultos que convivem com uma criança nem sempre tomam consciência que a sua forma de expressão, actuação e incentivo são determinantes para o desenvolvimento global do menino e da menina e das suas escolhas futuras. Por conseguinte, o desenvolvimento da inteligência e do temperamento de uma personalidade podem ser enriquecidos pela vivencia de um ambiente empreendedor. Hansemark (2003, cit. Sarkar, 2007) cruzou vários estudos

psicológicos para identifica traços característicos que previssem o empreendedorismo de forma consistente, e chegou às seguintes características: (1) Grau de adaptabilidade e impulsividade; (2) Intensidade de desejo de independência; (3) Necessidade de realização na medida em que um indivíduo acredita que os resultados dos acontecimentos estão debaixo do seu controlo, em vez de serem obra do acaso; e (4) A sorte e outros factores estão fora do controlo do individuo (também conhecido pelo controlo externo).

De acordo com *The National Commission on Entrepreneurship* (2003, cit. Moreland, 2006, 5) um empreendedor típico apresenta todas ou algumas das seguintes características: visão, adaptabilidade, persuasão, confiança, competitividade, assunção do risco, honestidade, perseverança, disciplina, organização e compreensão. Neste seguimento, Moreland (2006) refere que os estudos actuais sobre as características pessoais dos empreendedores observaram a fusão de traços em três grandes grupos: (1) os valores pessoais, tais como a honestidade, o dever, a responsabilidade e o comportamento ético; (2) propensão para a assunção do risco; e (3) a necessidade de independência, sucesso e realização.

As competências empreendedoras, que permitem que o próprio indivíduo escreva o seu próprio futuro e saiba identificar oportunidades e se organizar no sentido do progresso, constituem também por si só, um conhecimento, uma aprendizagem e um desenvolvimento de competências empreendedoras. No livro *Five Minds for the future* de 2007, o psicólogo de Harvard, Howard Gardner defende a existência de cinco mentes específicas essenciais para a saúde de uma personalidade e para que esta funcione eficazmente no futuro, que são: a mente disciplinada (o domínio das principais correntes de pensamento (incluindo ciências, matemática e história) e de pelo menos um ofício); a mente sintetizadora (capacidade de integrar ideias de diferentes disciplinas ou esferas num todo coerente e comunicar essa integração a outras pessoas); a mente criadora (capacidade de descobrir e esclarecer novos problemas, questões e fenómenos); a mente respeitadora (consciência e compreensão das

diferenças entre seres humanos); e a mente ética (cumprimento das responsabilidades de cada um enquanto trabalhador e cidadão). As cinco mentes são mais do que constructos teóricos, são capacidades cognitivas e competências que permitem delinear um futuro com êxito, pois, pretendem ser uma fundação intelectual para a educação geral e para o desenvolvimento do currículo. Ao possuir estas capacidades e ao as aperfeiçoar, cada personalidade está mais apta para enfrentar o imprevisto, o clima de insegurança e adversidade e estará mais apta para lidar com o futuro. Duening (2008) inscreve-se nesta teoria e utiliza as cinco mentes de Gardner e transporta-as para o domínio da mudança do desenvolvimento do currículo através de um ensino de empreendedorismo. No seu entender, as cinco mentes do futuro empreendedor são: mente identificadora de oportunidades; mente criadora; mente gestora do risco; mente resiliente; e mente orientada para a acção.

O conhecimento do empreendedor de sucesso pela análise das suas aptidões intelectuais para possuir, investir e distribuir, implica o desenvolvimento de competências empreendedoras, que podem ser facultadas pelo ensino do empreendedorismo e pelo desenho e orientação da trajectória do conhecimento e da aprendizagem para obter o êxito. E se a orientação empreendedora começar mais cedo? E se pudermos contar com uma educação e um envolvimento parental assentes num empreendedorismo parental? A resposta a estas questões obriga a que os pais estejam preparados para desenvolver a mente empreendedora dos seus filhos e que tenham uma mente aberta ao desenvolvimento da sua própria inteligência empreendedora.

Empreendedorismo parental

A educação é a fonte do empreendedorismo, pois, permite conhecer e gerar conhecimento, repercutindo-se em novas formas de actuar sobre o real. A oportunidade de desenvolver mentes empreendedoras que possibilitem o aparecimento de cidadãos positivos,

conscientes, responsáveis, detentores de conhecimento e de valores humanistas pode começar na família.

Nos últimos tempos tem-se feito uma chamada de atenção para o exercício da coparentalidade em que o pai e a mãe, partilham de forma mais igualitária as responsabilidades e as tarefas nos domínios financeiro, doméstico e nos cuidados das crianças. De acordo com vários autores esta divisão baseada no género é mais diluída (Deutsch,2001; Cabrera et al., 1999; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000, cit. Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008) mas, nem sempre é a desejável, já que na prática as diferenças têm tendência a manterem-se. Por exemplo, num estudo realizado por Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira (2006), verificou-se que, num grupo de pais portugueses com crianças entre os 1 e 6 anos de idade geralmente é quase sempre a mãe a responsável pelas actividades relacionadas com as rotinas de cuidados à criança, assumindo o pai um papel de suporte, de ajuda quando é necessário. Apesar desta evidencia, os estudos sobre as representações de pais têm mostrado que a actual geração considera importante a capacidade de o pai ser sensível, compreensivo e dialogante, de estar presente na vida da criança, partilhar a autoridade, ser descontraído e lúdico, por oposição à anterior geração, que apresenta geralmente representações da imagem do pai como figura de autoridade e disciplinadora, pouco envolvido emocionalmente e pouco presente na vida da criança (Balacho, 2004). Contudo, o exercício da responsabilidade parental ainda não é compreendido na sua totalidade. Velar pelos interesses da criança e pelo seu bem-estar implica também, em simultâneo, respeitar e apoiar a sua individualidade e as suas ideias, os seus ideais positivos de vida, os seus sonhos, os seus espaços e tempos, e partilhar as suas alegrias e tristezas proporcionando uma orientação emocional positiva assente na proactividade, criatividade e na resolução de problemas, de modo a contribuir para o desenvolvimento de competências que passam

necessariamente pelo desenvolvimento da sua inteligência (cognitiva, emocional, social e empreendedorial) e da harmonia do seu temperamento.

Nas questões do desenvolvimento humano, é vital prestar atenção à oportunidade da realização de determinadas aprendizagens e dos momentos em que estas devem ser efectuadas. No caso do empreendedorismo, é preciso compreender que este pode ser ensinado, quanto mais cedo melhor, e que a psicologia pode dar o seu contributo no desenrolar deste processo (Faria, 2010a). Considerando que, no caso do desenvolvimento de uma mente empreendedora, qualquer indivíduo ao longo da sua vida pode aprender a desenvolver as competências exigidas para vir a ser um empreendedor de sucesso, a psicologia do empreendedorismo pode ser uma mais valia para apoiar os humanos da sociedade contemporânea a trilharem caminhos de êxito pessoal e profissional.

No que diz respeito às competências empreendedoras, Faria (2010b) no seu *Questionário de Competências Empreendedoras* (Q.C.E., Faria, 2010) seleccionou sete factores que estão presentes numa mente empreendedora: F1-Competências Criadoras; F2-Competências Realizadoras; F3-Competências de Gestão do Risco; F4-Competências Respeitadoras; F5-Competências Identificadoras de Oportunidades; F6-Competências Orientadas para a Acção; F7-Competências para Trabalhar em Grupo; cujas dimensões encontradas vão ao encontro dos autores referidos anteriormente, ao nível das competências empreendedoras e intraempreendedoras (Moreland, 2006) e da perspectiva de Duening (2008) das cinco mentes para o futuro do empreendedor que quiser alcançar êxito. Neste sentido, os factores podem constituir-se como vertentes a desenvolver desde do início, no exercício de uma parentalidade empreendedora.

De acordo com o modelo de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (ver Lamb, 1987; Pleck & Masciadrelli, 2004; cit. Monteiro; Verissimo; & Santos & Vaughn, 2008) distinguem-se três componentes do envolvimento:

(1) a participação, interacção directa com a criança no contexto da prestação de cuidados e de actividades partilhadas;

(2) a acessibilidade à criança, quer ocorra ou não interacção, os pais estão vigilantes de modo a responder se e quando for necessário;

(3) a responsabilidade que cada progenitor assume pelo bem-estar da criança, o que envolve lembrar-se, planear e marcar por exemplo, uma consulta médica, o que não implica a presença da criança.

Agora é preciso acrescentar mais uma componente:

(4) a competência parental para desenvolver a inteligência empreendedora da criança através do respeito da individualidade da criança e de uma orientação emocional positiva, assente na satisfação de vida da criança e na disponibilidade para esta experienciar ambientes enriquecedores de conhecimento, aprendizagem e criatividade.

Existem ainda duas distinções a serem tomados em consideração ao nível do envolvimento nas tarefas de cuidados à criança e nas actividades de brincadeira/lazer (Parke, 1996; cit. Monteiro; Verissimo; & Santos & Vaughn, 2008), ou até para o bom exercício do empreendedorismo parental. A primeira, chama a atenção que devem ser diferenciados os contextos e tipos de interacção proporcionados. Esta observação permite a análise dos papéis parentais e dos seus efeitos no desenvolvimento da criança. A segunda, diz respeito ao envolvimento absoluto e relativo do pai e da mãe, e dos dois em conjunto. Nem sempre o envolvimento dos pais e das mães é semelhante, pelo que, são apresentados à criança ambientes familiares distintos, muitas vezes nada abonatórios para o desenvolvimento da sua autonomia, enriquecimento pessoal e felicidade. Pais que não se disponibilizam para estar e conhecer o(a) filho(a) de forma contínua e gratificante para a criança, são estranhos para elas. Nestas circunstâncias o clima relacional estabelecido não é o apropriado para gerar desenvolvimento, aprendizagem, confiança, autonomia e criatividade na criança.

Discussão

Num mundo virado para a economia o empreendedorismo tem sido alvo de uma atenção particular ao nível das instituições de ensino superior, das escolas, das empresas e das políticas do governo. A questão que colocamos é a de saber se o ambiente da criança na sua infância e a sua educação podem desenvolver uma mente empreendedora. Os estudos psicológicos sobre a infância têm mostrado que como os ambientes enriquecedores contribuem de forma significativa para a estruturação de uma personalidade harmoniosa, saudável e feliz.

Parece que os pais em conjunto e o pai e a mãe individualmente, têm mais uma responsabilidade parental, a de velar pela mente empreendedora da sua criança. Ninguém disse alguma vez que é fácil ser pai ou ser mãe, ou que é fácil serem pais. A parentalidade passa pela disponibilidade para aprender a educar de forma positiva uma criança, e nem todos os adultos estão preparados, conscientes ou interessados em desenvolver esforços para a sua realização. Daí que, nem todas as crianças percepcionem confiança, segurança ou apoio emocional parental. A sociedade contemporânea marcada pela insegurança, imprevisto, obrigatoriedade da mudança, exige uma educação parental positiva e empreendedora das novas gerações para que estas possam fazer face às dificuldades, aceitar desafios, criar oportunidades da vida e possam ser felizes.

As estratégias para o exercício de uma parentalidade responsável implicam o envolvimento parental de qualidade, que exige aos pais competências que permitam promover o desenvolvimento de uma inteligência empreendedora do seu filho ou da sua filha, respeitando o factor género. O pai e a mãe e os dois em conjunto, têm que tomar consciência que pode estar nas suas mãos o desenvolvimento da inteligência empreendedora da sua criança, isto é, podem contribuir para o crescimento das Competências Criadoras; das Competências Realizadoras; das Competências de Gestão do Risco; das Competências

Respeitadoras; das Competências Identificadoras de Oportunidades; das Competências Orientadas para a Acção; e das Competências para Trabalhar em Grupo. No exercício da sua tarefa de educar, basta somente que disponibilizem tempo, algum dinheiro e essencialmente, sejam positivos e estejam preparados para saber criar ambientes estimulantes e reforçadores de ideias e apresentar comportamentos animados de um espírito empreendedor. Por conseguinte, é de toda a importância que estes educadores sejam convincentes de que acreditem na criança e saibam comunicar-lhe o seu suporte, isto é, que estão dispostos a apoiá-la desde a concepção da sua ideia, ao planeamento e sua realização.

Referências

- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, XXII (2), 377-386.
- Carrilho, J.; Collado, S.; Rojo, N. & Staats, A. (2006). El papel de las emociones positivas y negativas en la predicción de depresión: el principio de adición de las emociones en el Conductismo *Psicológico. Clínica y Salud*, 2006, vol. 17 n.º 3 - Págs. 277-295. ISSN: 1135-0806
- Duening, T. (2008). Five Minds for the entrepreneurial future: cognitive skills as the intellectual foundation for next generation entrepreneurs curricula. *Proceedings. USA SBE*. 256-274.
- Gadner, H. (2007). *The five minds for the future*. Cambridge, MA: Harvard Business School Press.
- Martin, P. (2006). *Pessoas felizes, a natureza da felicidade e as suas origens na infância*. Lisboa: Bizâncio.
- Monteiro, L.; Verissimo, M.; & Santos, A. & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica* (2008), 3 (XXVI): 395-409.
- Monteiro, L., Verissimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.
- Moreland, N. (2006). Entrepreneurship and higher education: an employability perspective. *Learning & Employability - series one*. York-UK: The Higher Education Academy.
- Faria, M.C., (2000). *Comunicação e Bem-Estar no limiar do século XXI . Conhecer através da Relação e orientar para a Saúde*. Coimbra. Tese de Doutoramento em Psicologia (Psicologia da Saúde), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. (n.p.)
- Faria, M. (2008). Desenvolvimento de Competências para a Felicidade. INFAD. *Revista de Psicologia. International Journal of Developmental and Educational Psychology*. Número 1, Vol. 1 Psicologia Evolutiva (397-406). ISBN: 0214-9877.

- Faria, M.C. (2010a). Contributos da psicologia para a promoção de competências emocionais e empreendedoras, Leandro S. Almeida, Bento. Silva & Susana Caires (Orgs.) *I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos"*. Braga: CIED Universidade do Minho, (272-286). ISBN: 978-972-8746-87-2
- Faria, M.C. (2010b). Questionário de Competências Empreendedoras (QCE): Aplicação a Estudantes do Ensino Superior, Leandro S. Almeida, Bento. Silva & Susana Caires (Orgs.) *I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos"*. Braga: CIED Universidade do Minho, (287-301). ISBN: 978-972-8746-87-2.
- Sarkar, S. (2007). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora